



Afinal, a feira de S. Bento é muito mais divertida.

REPETINDO...

No segundo numero d'este semanario tratámos do assumpto a que hoje novamente nos vimos forçados a referir. E se o fazemos é unicamente para que o nosso aviso possa ser meditado por quem, como nós, através de todos os perigos, transtornos e ameaças e sem outro intuito que não seja a coherencia e a fé politica d'uma causa, se tem conservado sempre no honrado posto de vencido, sacrificando interesses pessoais, sacrificando a tranquillidade, arriscando a propria existencia — porque indiscutivelmente a arriscam aquellos que fronteiras a dentro tem posto a sua penna obscura ou brilhante, com desassombro, com altivez, com honesta e insophismavel independencia ao serviço das velhas instituições, derrubadas em 5 de outubro menos pelo esforço republicano do que pela intriga e desunião monarchica.

Ora os que a este numero pertencem — e não são muitos — tem o direito de fallar com desassombro. Mais. Tem o dever de ser escutados com acatamento.

Ninguém mais do que nós avalia e presta justiça a todos os monarchicos que depois da victoria da Rotunda se mantiveram no campo tradicional. Ninguém mais os admira, ninguém mais os considera. E se todos tem direito a esse merecido testemunho, os exilados são por certo aquellos que devem figurar no primeiro plano.

Devemos notar porém que, havendo exilados e... exilados, nos referimos aos que o são, obrigados pelas circunstancias, pelas perseguições; aos que abandonaram interesses e familia com os olhos fitos n'uma bandeira, com a alma cheia de fé n'um ideal, sacrificando-se, lutando, amassando com muita lagrima o pão comido no estrangeiro, e não aos que transpuzeram a fronteira por *snobismo*, por divertimento ou... por modo de vida.

Ha que distinguir entre uns e outros, porque é preciso respeitar o merito. Para os primeiros escrevemos. Para elles e para os que na Patria conservam a mesma linha recta de sempre.

E' triste que no momento actual haja quem, dizendo-se monarchico, pretenda agitar a malfadada questão dynastica, que foi a causa remota da queda do secular throno portuguez e que a inepcia diplomatica não soube ou não quiz resolver pela solução honrosa d'um consorcio que para sempre extinguiria as velhas contendas e rivalidades no ramo brigantino.

E' profundamente triste e profundamente lamentavel — porque se é certo que a Patria portugueza só tem uma Corôa e um Throno, não é menos certo que essa Corôa e esse Throno será tanto mais brilhante quanto menos desinteresse e rivalidades em volta d'elle se agruparem. Quanta mais dedicação e figuras valorosas o escorrem.

A ninguém que tenha o rudimentar conhecimento dos homens e da vida, pôde restar duvida que o sentimento nacional pende na sua inquestionavel maioria para o ultimo Monarcha que reinou em Portugal. Assim é, e comprehensivel é que assim seja. Mas pessoa alguma, fronteiras a dentro, tentou crear difficuldades insuperaveis n'esse assumpto. A forma honesta da conciliação, o *modus faciendi* que solucionasse esse nefasto incidente nascido ha oitenta annos; a paz completa, a união absoluta entre o desavindo ramo dynastico tem sido a suprema aspiração dos monarchicos portuguezes — d'aquelles monarchicos que olham mais aos superiores interesses da Patria e menos ás vaidades e ambições pessoais.

Pois foi n'um momento d'estes que alguém se lembrou de ir insultar n'um jornal a memoria d'um Príncipe que, se erros commetteu, (e quantos depois não foram commettidos pelos seus censores!) foram bem duramente expiados no amargurado exilio d'uma existencia inteira — d'uma existencia santificada no exemplo mais grandioso em fé e em martyrio que a historia regista!

Triste! Profundamente lamentavel e triste! E a tremenda *gaffe* só a podemos comprehender e desculpar por ter sido commettida por quem, mettendo-se em assumptos politicos a que sempre foi extranha a sua inquestionavel habilidade de jornalista litterario e noticioso, havia fatalmente de dar mau resultado, tratando d'um caso de tanto melindre e ponderação.

Por Deus, senhores, tenham juízo e lembrem-se de que quanto mais se desunirem, mais unem e fortalecem o commum adversario politico.

AMPLA LIBERDADE

Mas quem se atreve a dizer para ahí que a liberdade d'imprensa não é amplissima? Quem é o thalassio? O canastrão, o reaccionario, o paivante, o traidor ou o *jasulita* que tal diz?

Fôra, más linguas!

Pois ha uma lei (uma, duas ou tres, porque nós já lhe perdemos a conta) que prohibe publicações linguagem nefasta e provocadora e no entanto a *Lucta* circula todos os dias livremente sem embargo algum, sem mesmo ter a honra (como outros camaradas tem) de uma guarda policial ás suas officinas!

Que maior tolerancia poderia haver?

Mas não é tudo. Não circula tambem diariamente a *Patria*? Já alguma vez esse jornal foi censurado ou impedido na sua venda? Nunca. Pois ha um decreto d'imprensa que prohibe escriptos *despejados*. E haverá maior despejo... de grammatica, de senso e de logica?

E o *Mundo*? O que dizer da liberdade que este orgão disfructa n'um paiz onde existe uma lei que expressamente determina a apprehensão de escriptos... pornographicos!

Não, é a verdade acima de tudo.

Explorem com o que quizerem, mas confessem que a liberdade d'imprensa em Portugal é verdadeiramente liberal.

E tão liberal e tão rasgada que todos os dias pela cidade fôra esses diários são rasgados em quartozinhos para maior liberalidade na sua leitura...



CONDE DE ARNOSO

Piedosamente, commemorou-se hontem mais um anniversario da morte do antigo Secretario d'El-Rei D. Carlos, o sr. Conde d'Arnosó.

Este fidalgo, que o soube ser em toda a acção da palavra, foi um amigo dedicado e um servidor de lealdade inexcédvel. Ainda hoje e por muito tempo mais a sua memoria será evocada como o exemplo da fidelidade, da correcção e da mais nobre comprehensão do dever.

O secretario particular do desventurado e grande rei o Senhor D. Carlos não julgou terminados os seus deveres de amigo intimo do monarcha, apoz o cobarde attentado de 1 de Fevereiro de 1908.

Na antiga Camara dos Pares no meio d'um isolamento doentio, batalhou com corajoso desassombro contra a vilzeza dos que já tudo encaminhavam para a derrocada do secular throno portuguez. Foi dos poucos que tudo previram; foi o unico que, cara a cara, disse duras mas incontestaveis verdades ao então primeiro ministro do Senhor D. Manuel, o almirante Ferreira do Amaral, de tão lúnesta memoria.

N'uma serie brilhante de impolgaveis discursos o sr. Conde d'Arnosó vaticinou toda a tragedia que d'então para cá se tem desenrolado. As suas orações ficam como um padrao que no futuro lembrará aos vindouros que o seu orator era a incarnação suprema do velho caracter portuguez.

Não tem estas nossas simples palavras outro merito que não seja o de, no fundo da nossa obscuridade, prestarmos ao illustre morto, cuja honrada memoria hoje constitue um refrigerio á dor da sua Viuva e de seus Filhos, a nossa mais sentida homenagem, n'esta data luctuosa para todos os que põem o dever acima das ambições.

POBRE INNOCENTE!...

Um *onlonista* de categoria affirma-nos que a maior parte da secção *Echos da Dança da Lucta* é escripta pelo sr. João de Menezes, cuja actividade mental é apenas conhecida pelos chiliques que tem quando vê alguém arregalar os olhos...

E o pobre do sr. Brito Camacho a apparar a responsabilidade de todo o veneno ejaculado por aquella donzella chiliquenta...

GIGANTES & PIGMEUS

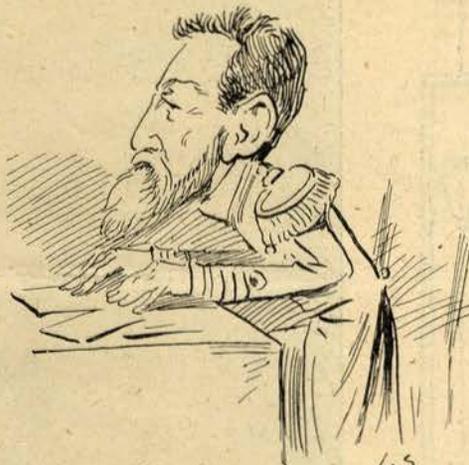
GLORIAS DO PASSADO



VISCONDE DE CHANCELEIROS

Estadista e parlamentar da grande nomeada.

"GLORIAS,, DO PRESENTE



NUNES DA MATTA

?... Ah! é o "Nónes"...

PRESENTES:

Diz a *Lucta*:

«São muitos os presentes que vão ser enviados a D. Manuel por ocasião do seu casamento. Os promotores da subscrição para tal fim já escolheram alguns. Mas falta-lhes escolher o presente grande, o presente symbolico. E hesitam entre uma redução da taxa em que D. João VI foi para o Brasil e um automovel de 120 á hora.»

Se se tratasse d'um presente para o valoroso capitão, bem sabemos nós o que mais lhe agradaria á vista: era... um oculo!
Não é verdade? Ora...

ASSOCIAÇÕES DE SOCCORRO... AOS TUBARÕES

Pela projectada reforma das associações de *socorro mutuo*, criam-se numerosos logares de inspectores a com mil reis mensaes, além das respectivas ajudas de custo, tudo pago pelas mesmas associações. É caso para estas gritarem por *socorro*..., pois este deixa de ser *mutuo* para ser... aos tubarões!

TACTO POLITICO

Depois d'uma ou mais viagens de propaganda politica, o illustre estadista do Calhariz não achou nada mais opportuno para atirar ás faces dos adhesivos que em minguada quantidade se enfleiraram na *Onião*, do que este mimo:

«Já tivémos duas incursões; agora vae dar-se a terceira, que é a mais temivel: o ingresso dos velhos politicos da monarchia nos partidos da republica. Estes saberão cumprir o seu dever, enquadrando-os, como em tactica applicada se usa com a tropa fandanga.»

São uns alhos estes republicanos; não ha por onde escolher; em sagacidade e tacto politicos são todos da mesma força!
Este esguicho venenoso do chefe da *Onião* até deve dar alento ao sr. Alpoim para adherir outra vez...

COISAS D'ESTES TEMPOS

Ha dias, no Porto, na Avenida Saraiva de Carvalho, um individuo que por ali passava deparou com uma mulher que se lhe tornou suspeita, dando conhecimento do facto á policia. Esta, inquirindo da permanencia ali da mysteriosa mulher, conduziu-a ao Aljube, onde ella provou então a sua identidade: era um authentico soldado da guarda-fiscal, que declarou ter envergado o traje feminino para melhor se disfarçar, por conveniencia de serviço, accrescentando ter ordem para assim proceder, pelo que foi restituído á liberdade.

Então nem sequer já o exercito escapa as palhaçadas d'estes dictosos tempos?!

PLEBISCITO

QUAL É O PARLAMENTAR MAIS "NÓNES,?"

Dos biologicos com fãla
Que ríçam o seu assento
No nónic parlamento,
Eu voto no Affonso Palla.

Tambem quando o Kaiser souber
Dos Nónes que Portugal tem,
De Berlim aqui buscar vem
O Palla pr' a seu chancellor.

MIGUEL DOS PARDAES.

O mais Nónes, o que leva a palma,
E' o Palma, o frigdeira...
Ha dois annos que elle estuda
O discurso «Pró Palmeira»!

Os dez milhares de eleitores...
Que com consciencia o elegeram
Já cuidam de arranjar
Quem digira o que comeram...!

LEITOR ASSIDUO.

O *inlustre* deputado,
O Sior Zé Perdigão,
Se não 'stivesse calado,
O mais Nónes talvez fosse
Dá famosa colleção.

Se *lácunas* e *sinécuras*
Facilitam a contagem,
Lá vae mais um do padre-cura
P'ro tal da *cabotinagem*.

FR. LUIZ.

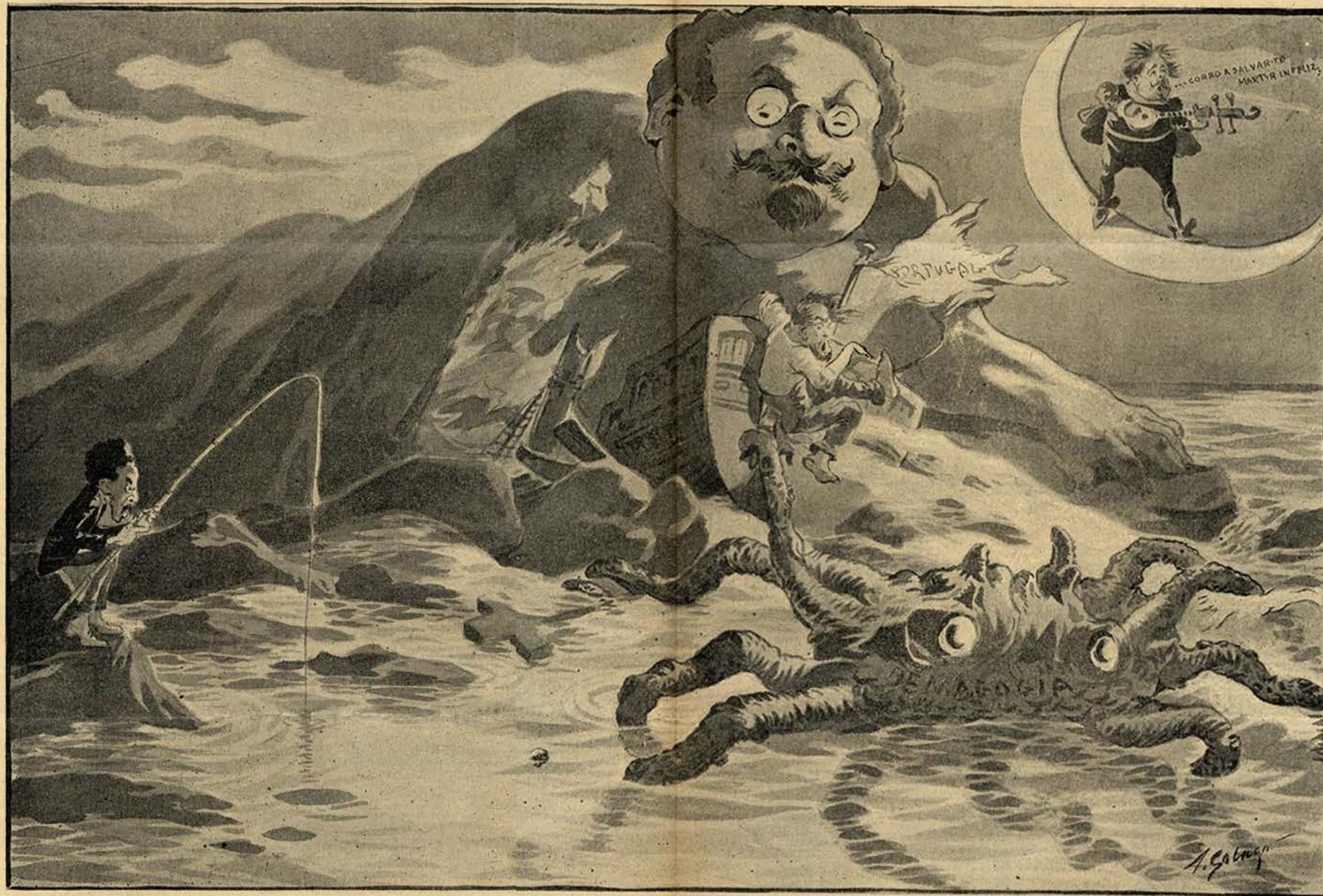
Respondo ao teu plebiscito
Com grande satisfação,
Dando todos os meus votos
Ao senador *Estevão*.

LEÃO SEM GARRAS.

Como ninguém tem o direito de
ser mais papista do que o papa, julgo
que o parlamentar mais *nónes* deverã
ser o *nónes*.

UM REFINADO THALASSA.

A nau encalha e perde-se no "grande" escolho



Emquanto o paiz dá á "Costa", uns cantam e outros pescam . . . os salvados do naufragio.

ENTREVISTA COM O PRIMEIRO MINISTRO

NAPOLEÃO MALAPARTE DA COSTA

No palacio da Regaleira — O primeiro jornal portuguez — O objectivo de S. Ex.^a — Não é ingrato — A substituição dos Braganças — Senhor de Cacilhas — Dois reinos — Recom-pensas — A plastica do Sr. Bernardino — Duas cordas.

O Sr. Dr. Affonso Costa dignou-se receber-nos no seu gabinete particular do Centro Democratico de S. Domingos, depois de pelo telephone lhe termos pedido uns minutos d'atención, para uma entrevista.

Quando chegámos ao antigo Palácio da Regaleira tivemos que aguardar alguns instantes, porque S. Ex.^a estava conferenciando sobre a lei eleitoral com o seu valioso correligionario Manuel dos Santos, esperançoso bandarheiro tauromachico e consagrado actor amador.

Nas espacuosas salas do Centro alguns socios conversavam animadamente sobre os ultimos successos politicos, enquanto no gabinete de leitura um illustre presidente d'uma junta de parochia ia lendo a *Republica* collocada de pernas para o ar entre as suas mãos possantes de democrata convicto e ineterato.

Uma campainha electrica tiniu forte, e um continuo veiu annunciar-nos que o Sr. Dr. Affonso Costa nos esperava.

Um rapido olhar lançado pelo gabinete privado do presidente do governo, convenceu-nos do methodo usado pelo Dr. Affonso Costa nos mais pequenos detalhes da sua vida. Em cima da secretaria uma photographia do sr. França Borges, elegantemente mascarado de jornalista, inspirava o chefe dos democraticos nas suas resoluções politicas, animada por uma pequena jarra com vicias margaridas, carinhosa homenagem do Sr. Affonso Costa ao seu amigo dilecto.

Pelas paredes do gabinete, diversos quadros ornamentam tambem aquella chocadeira dos grandes problemas nacionaes, distinguindo-se uma oleographia do 1.^o Marquez de Pombal com o seguinte distico por baixo: *Ao collega Sebastião, testemunho d'opreço do Affonso.*



A sua sympathia pelo "Thalassa, — Sonhos intimos

O presidente do ministerio, depois de trocados os primeiros cumprimentos, declarou-nos logo:

— Antes de mais nada quero accentuar-lhe que a entrevista concedida ao *Thalassa* representa um eloquente testemunho da minha muita estima por esse brilhante jornal.

Reconhecidos, balbuciamos umas palavras de agradecimento, mas o immortal estadista atalhou rapidamente:

— Nada de agradecimentos, meu caro. E' a verdade, só a verdade. Creia que é um sentimento de justiça que me dicta este meu gesto. O *Thalassa* é o primeiro jornal portuguez...

— Oh! sr. doutor, por quem é... Confunde-nos... — tornámos commovidos.

Pode crêr. E olhe que já tenho estado varias vezes para publicar um decreto ordenando que todas as semanas tenham duas quintas-feiras só para ler o *Thalassa* mais antudadas vezes...

— Ah! sr. doutor!... sr. doutor!... não diga mais que nos faz chorar... — Pode o meu amigo ficar certo que o que lhe estou dizendo é tudo dictadinho do fundo do coração. Mas, vamos ao fim da sua visita.

Limpámos uma lagrima impertinente de commoção e expuzemos ao supremo ministro o que desejavamos.

— Sim, perfeitamente. Deseja elucidar os seus leitores sobre o meu plano governativo. Não tenho duvida nenhuma, porque julgo até conveniente tornal-o bem conhecido para que não haja surpresas. O amigo será o meu Galtier. E pode gabar-se que é a primeira pessoa a quem vou confiar os meus sonhos mais intimos, as minhas mais reservadas aspirações.

O sr. dr. Affonso Costa levantou-se, fechou a porta á chave e em seguida, entalando os pollegares na cava do collete, começou:

— A minha acção politica pode com verdade dizer-se que ainda vae no começo. Tudo o que se tem passado é um esboço vago, as primeiras pedras lançadas para o edificio que desejo construir e de que eu serei a cupula brilhante, o feilhado superior.

O throno — Quem desdenha...

— Vamos por partes para que melhor me comprehendam. Quando andavamos na opposição contra a monarchia era o throno o meu principal objectivo. E porque era esse o alvo predilecto dos meus ataques? Por o odiar? Por o julgar nocivo aos interesses do paiz? Ah! meu amigo, que estupidez acreditar em tal!

— Ha um velho dictado portuguez que afirma: *quem desdenha quer comprar.* Eu desdenhava, logo... Comprehende, não é verdade? Mas como attingir semelhante desideratum enquanto a dynastia de Bragança estivesse enfiada aos velhos preconceitos hereditarios? Ora essa tolice é que era necessario acabar custasse o que custasse. Li então muito a *Madame Sangéne*. A figura de Napoleão dominou por completo o meu espirito. Fiz um estudo d'esse personagem e estudei-me tambem minuciosamente, e conclui:

— Ao que esse general sobrava em intelligencia e valor, sobeja-me a mim em manha e audacia. Não hesitei. Napoleão, filho do povo, sem sangue real, tinha sido imperador, tinha feito reis, tinha dado leis ao mundo.

— Porque não repetir esse facto historico? Tanto mais que eu já dava tambem leis ao mundo ha muito tempo. Orientei, portanto, toda a minha acção no seguinte objectivo: *Ser Napoleão da Costa!*

Pezando os correligionarios — Liberdade de fazer tolices — Amestrados

O eminente chefe dos democraticos fez uma pequena pausa. Olhamol-o. Nos seus olhos brilhava uma intensa alegria, como que illuminada por altos desgnios.

Depois continuou: — Pezei então os meus correligionarios com quem tinha que lidar. Estudei-os todos, vi-os por dentro e por fóra e — ajuntou o sr. dr. Affonso Costa piscando o olho — fiz-me republicano da extrema esquerda.

Prêguei a liberdade porque sempre reputei essa reivindicacão indispensavel... para mim. Sim, era preciso a maxima liberdade de fazer tolices para que eu pudesse triumphar. E o meu triumpho começou. D'aqui a attingir o meu ideal vae um passo.

O sr. dr. Affonso Costa tornou a fazer uma pausa e nós aproveitámos essa occasião para nos referirmos a um ponto indispensavel a esclarecer no plano de S. Ex.^a.

— Mas V. Ex.^a esquece os outros partidos. A que papel ficam reduzidos os srs. Brito, Antonio José e todos outros?

— Ora, meu caro! Então pensa que eu sou ingrato? Não os esqueci, pode crêr. Mas esquece e na devida altura lhe direi o que penso fazer d'esses pequenos.

— Como sabe, sou eu, só eu que mando já n'este paiz. Isto é, o ponto principal está resolvido — a minha absoluta soberania. E se ainda conservo o parlamento, é para os habituar a obedecerem á minha voz.

— Mas elles, coitados, estão já completamente amestrados e portanto só falta que eu escolha o dia para me fazer coroar imperador!

— Quem nos diz?!

O remedio — Coroação na Rotunda — Divisão do paiz

— Nem mais nem menos. Pois não lhe expliquei logo ao principio o objectivo determinante da minha acção: *ser Napoleão da Costa!*

— A substituição dos Braganças pelos Costas era o remedio que sempre julguei indispensavel. O unico mesmo que tem dominado o meu espirito toda a minha vida.

— E tenciona fazer-se coroar imperador...

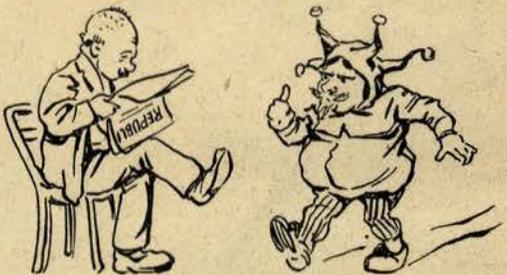
— Na Rotunda, sob o titulo do Costa I, imperador da Democracia Portuguesa d'Aquem e d'Além Tejo, Senhor de Cacilhas e mais dominios.

— E porque não allude no seu titulo á Africa?

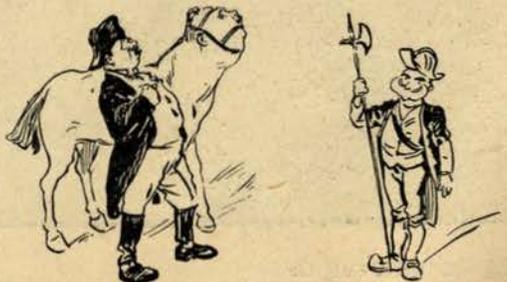
— Para evitar suppressões futuras. Depois, dividirei o paiz em dois reinos, sob o meu dominio absoluto: o primeiro com a capital em Palmella para o Borges, o segundo abaixo de Braga, para o meu mano Arthur. Aqui em Lisboa será a capital do imperio, comigo na Ajuda.

— Grandioso, na verdade!

— E agora então vou dizer-lhe o que reservo para os meus antigos companheiros de lucta. Não, não os poderei esquecer, pobres pequenos, porque



elles, coitados, não tem culpa da natureza os ter feito assim. Coitados! O Brito irá para guarda das minhas reaes retetes. Tem um ophato magnifico e uma grande pratica de suidades. Verá, verá como elle engorda.



O Antonio José ficará sendo o meu bobo favorito. Tem muita piada e no fundo é um bello moço.

Diverte-me immensamente. Há-de ser tratado com estima. O Estevão, esse está naturalmente indicado. Fica sendo o meu cavallo branco e o moleque o escaudero.

Para o João de Menezes reservo o cargo de informador privado. Tem um gratinho especial para estes serviços, aquelle maganão. E assim successivamente todos os meus prezados subditos são recompensados.

— E o dr. Bernardino, esquece-o V. Ex.ª?

— De forma alguma. Irá para commandante dos archeiros por causa da plastica.

O primeiro acto do Imperador — Para o heroe . . . o Heroismo

— Estamos infinitamente gratos pelas suas interessantissimas revelações, sr. doutor, e para terminar muito nos obsequia dizendo como iniciará o seu imperio.

— Por uma medida rasadamente benemerita e socialista. Empregando o maior numero d'operários . . .

— Em construcções de escolas?

— Não, senhor. Em construcções de forcas em todas as praças publicas do com duas cordas, uma para monarchicos e outra para republicanos.

O sr. dr. Affonso Costa, esfregando as mãos de contente, poz-se de pé e nós, agradecendo mais uma vez a gentileza das suas informações, encaminhamos para a porta.

Então o eminente liberal chamou-nos e, estendendo a mão direita com ar protector, declarou-nos.

— Olhe: ponha lá tambem que não me esquecerei do Machado dos Santos. Para esse reservo-lhe . . .

— O almirante em chefe?

— Não. Reservo-lhe Angra do Heroismo . . .

ARCHIVO SENSACIONAL

GALERIA DOS ADHESIVOS

Todos devem concorrer!
Todos os nossos leitores devem mandar boletim!

Districto de Braga.

Concelho de »

Freguezia de Cidade.

Nome dos adhesivos	Partido ou partidos em que militava no tempo da marcha	Partido ou partidos onde passou a militar depois de 5 d'outubro de 1910
Dr. Gustavo de Lima Brandão	Todos	Democratico
Dr. Porphirio Antonio da Silva	Prog.	Radical
Commandador Alfredo Ferreira Dias	Reg. Lib.	Democratico
Dr. Pedreira de Moura (auditor)	»	»
Dr. Jordão de Mello Falcão	»	»
Domingos Rebelo Barbosa	»	»
Dr. José Leão Ferreira da Silva	Prog.	»
José C. Telles da Silva Menezes	Reg.	»
Guilherme José Pereira	Prog.	»
Antonio J. de Souza Ribeiro	Reg.	»
Dr. José de Souza Machado	»	»
Dr. José Rodrigues Braga	»	Evolucionista

N. R. — As respostas devem ser enviadas em boletins copiados por este modelo.

SEMPRE PELO MESMO SITIO!

Todos os dias, a todas as horas, o nosso compadre Affonso ameaça cens e terra de que, ou lhe fazem a vontade ou sahe por aquella porta. Ora o compadre deve concordar que a lita já está muito vista e nós, no intuito louvavel de que os amigos façam sempre boa figura, pedimos-lhe licença para lembrar se não achava melhor sahir antes . . . para aquella parte . . .

Variava de ameaça e sempre era mais fresco . . .

UM "TRUC" . . .

N'esta contradaça tributaria de pobres, remediados e ricos, não houve em mira mais do que um truc pouco menos de grosseiro. Esta de não tributar os pequenos proprietarios, que, de muito ou de pouco, sempre são proprietarios, e collectar a classe operaria, só cegos é que não lhe vêem o alcance . . .

Está a ver, ó ZÉ pateta, que pequenos proprietarios constituem, por assim dizer, a maioria d'esta classe no paiz e vae d'ali é preciso tel-os bem contentes por causa das eleiçõesinhas da Costa, e para os ter contentes o que fazer senão isental-os das contribuições? Mette-se pelos olhos dentro a grosseria do truc!

Quanto aos operarios, esses, coitados, pagam, votam e ainda dão vivas ao sr. Doutor, isto na alternativa do Limocivo, onde sejam mettidos por se ter averiguado estarem conluídos com os monarchicos . . .

Que magicos e que tansos! . . .

E d'ali . . . talvez que lhe comam a isca e lhe . . . cusпам no anzol.

FALANDO DE CADEIRA . . .

Diz a Lucta:

«Os governos de Berlim ainda não conseguiram germanisar as duas provincias tiradas d' França em 1870.

Parece que ali é de cada vez mais vivo o sentimento patrio, isto é, francez, de modo que se afigura em Berlim necessario adoptar para a imprensa e associações d'aquellas duas provincias, medidas de excepção!

E' que é mais facil conseguir que uma provincia se desintegre da Nação a que pertence, do que se desnacionalise, isto é, que perca as suas fundametaes caracteristicas nacionaes.

Nem tudo se faz por decreto, e milhares de problemas ha que se não resolvem com a espada.»

Ora digam-nos: isto não é precisamente o mesmo que se passa entre o nosso paiz e as leis que o escravizam?!

Até parece um esguicho do mestre Brito ao Compadre Affonso . . .

A DIVIDA FLUCTUANTE

Alguns jornalistas tontos
Apreçoam nos jornais
Que de ha trez anos para cá,
A divida augmentou mais
Oito mil e tantos contos.

Fluctuante o nome o diz,
Felizmente a pouco monta,
Pois podia ser peor,
Se por acaso o paiz
Tivesse perdido a conta.

Oito mil contos! Que faz?
Eu confesso francamente:
Se ella tem de fluctuar
E se não pode ir para traz,
Ao menos que vá p'ra frente.

ATHOS.

POBRES LAVADEIRAS!

Os incomparaveis srs. deputados, um dia d'estes, votaram uma proposta, offerecendo uma gratificação ao pessoal do Congresso. Mas eis se não quando o Czar Affonso, que estava pastoreando o outro docil rebanho no Senado, chega espavorido e fica inteirado do que se tinha passado.

Cantou-lhes logo rijo e tezo e os srs. deputados «desvotaram» o que tinham votado!

Uma especie de descomida com auxilio do laxante Costa.
Pobres lavadeiras . . .

AOS COLLEGAS

A todos os nossos collegas que teem levado a sua amabilidade a dispensar-nos carinhosas palavras de louvor e incitamento, muito agradecidos pelos seus immerecidos favores e em especial aos camaradas da Nação, Dia e Ridiculos.

THEATROS

Nacional. — Para esta noite mais uma representação da encantadora comedia *Vinte mil dollars* que se despede do publico em recita do distincto actor Carlos Santos.

Gymnasio. — Mais uma noite de *Conspiradora* nos dá hoje o Gymnasio e portanto mais um ensejo do publico apreciar o muito talento do autor e dos interpretes.

Trindade. — Continua em pleno successo a brilhante opereta *Querido Agostinho*, que a empreza montou primorosamente e na qual Palmyra Bastos tem uma graciosissima criação.

Avenida. — Está dando as ultimas representações a revista *A lerta!*, que vae á scena com o magnifico quadro *A ultima hora*. *A lerta!* é uma das melhores peças, no genero, achando-se deslumbantemente montada.

ANIMATOGRAPHOS

Os melhores, mais chics e de melhores fitas

Olympia — Rua dos Condes.

Trindade — Rua da Trindade.

Terrasse — Rua Antonio Maria Cardoso.

Central — Avenida da Liberdade.

Chantecler — P. dos Restauradores.

"JESUITAS"

D'«A Lucta»:

«Deve ser publicado dentro de um mez o primeiro trabalho da comissão parlamentar de inquerito aos papéis dos jesuitas. É a historia do Collegio de Campolide. Os documentos colligidos são preciosos, sob todos os pontos de vista.

«Depois serão publicados outros não menos interessantes.

«Vêr-se-ha como elles se envolviam na politica e se propunham dominar em todas as classes da sociedade portugueza. E vêr-se-ha tambem como elles, á ultima hora, ainda esperavam adaptar-se á Republica para depois dominarem.»



Os verdadeiros jesuitas são estes grandes filhos da "Lucta".